

As relações sociais entre Vikings e Saxões do Oeste na obra *O Último Reino*, de Bernard Cornwell

*The social relations between Vikings and West Saxons in the work *The last Kingdom*, by Bernard Cornwell*

Lucas Luiz Oliveira Pereira

Graduado em História pelo Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.
E-mail: hyuugalucas.14@gmail.com

Resumo: O trabalho versa sobre uma análise das interações culturais entre cristãos e pagãos apresentadas no romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell. A obra literária retrata a Inglaterra no século IX. A metodologia se baseia em problematizações acerca das relações entre Vikings e Saxões do Oeste e debate com produções, historiográficas, existentes desses contatos. Durante toda a obra, são realizados diálogos e negociações que envolvem o lado econômico e espiritual dos personagens. Portanto, pretende-se realizar uma análise da literatura contemporânea como fonte histórica.

Palavras-chave: Interações Culturais. Vikings. Saxões do Oeste. Bernard Cornwell. Idade Média.

Abstract: The paper deals with an analysis of cultural interactions between Christians and Pagans presented in the historical novel *The Last Kingdom* by Bernard Cornwell. The literary work depicts England in the ninth century. The methodology is based on problematizations about the relations between the Vikings and the Saxons of the West, and debate with productions, historiographic, existing of these contacts. Throughout the work, there are dialogues and negotiations that involve the economic and spiritual side of the characters. Therefore, it is intended to carry out an analysis of contemporary literature as a historical source.

Keywords: Cultural Interactions. Vikings. Saxons of the West. Bernard Cornwell. Middle Ages.

1 Introdução

Os Vikings, nos últimos anos, estão ganhando o seu espaço na cultura pop. Filmes, séries e livros retratam a música, a religião e os feitos nórdicos¹, e existe um público crescente para essas produções. Os espaços da cultura desses escandinavos não se resumiram apenas às telas, a busca pelas tradicionais crenças nórdicas também exerce sua influência. Um exemplo é o Ásatru Vanatrú².

¹ O termo nórdico pode ser utilizado para todo o povo que advém do norte da região da atual Alemanha, entretanto o livro se refere aos dinamarqueses invasores.

² Asatrú Vanatrú é a fé no (s) Aesir (s) e Vanir (s), que são raças/clãs de deuses que habitam os nove mundos. É uma crença neopagã, que restaura os antigos costumes das sociedades pré-cristãs. Existe uma obra traduzida para o português, de Diana L. Paxson (2009), em que a autora realiza uma descrição de toda a religião.

Com a expansão do neopaganismo³, cresceu o número de traduções de *eddas*⁴ e sagas, principalmente islandesas. Entretanto, no Brasil, as pesquisas com foco histórico sobre os vikings se encontram com duas problemáticas.

A primeira dificuldade é a falta de livros traduzidos para o português. Em alguns casos, o lançamento de obras sobre o tema não chega ao alcance de jovens pesquisadores, porque poucas universidades do Brasil permitem ou dão oportunidades de publicações de trabalhos sobre a Escandinávia.

O segundo problema é a desmotivação que historiadores dentro de algumas universidades provocam em seus alunos. Um dos motivos é porque pode ocorrer uma reprodução de informação. As principais descobertas sobre o tema Viking estão intimamente ligadas ao avanço das pesquisas arqueológicas. Em nosso país, não é possível, a partir dessa área da ciência, a realização desse tipo de trabalho de campo. No entanto, o medievalista brasileiro pode valer-se de outros objetos históricos, como a literatura. Assim como destacou Georges Duby (2011)⁵.

O cientista do período medieval pode se utilizar da literatura, de nossa contemporaneidade. Existem livros que narram fatos históricos, e o autor britânico Bernard Cornwell é um exemplo de romancista desse gênero literário, ou seja, seus personagens estão inseridos nos acontecimentos históricos. Uma das obras, da série Crônicas Saxônica, o livro *The Last Kingdom* (2004) lançado no Brasil em 2005, é o objeto de análise deste artigo.

A coleção retrata as invasões vikings nas Ilhas Britânicas e a resistência dos saxões. O próprio Bernard Cornwell escreve em uma nota histórica com o objetivo de apresentar ao leitor os personagens que possuíram registros históricos.

A metodologia deste estudo consiste na pesquisa bibliográfica acerca das relações entre vikings e saxões e em debate sobre o que a historiografia já produziu sobre esses contatos. Durante toda a obra, são realizados acordos e diálogos que envolvem o lado econômico e espiritual dos personagens. Por meio de algumas obras de historiadores, é possível realizar a pesquisa. Portanto, pretende-se realizar uma análise das interações sociais retratadas na obra do autor e como é possível uma obra literária ser uma fonte histórica.

2 Bernard Cornwell e a obra “O Último Reino”

2.1 Bernard Cornwell

Bernard Cornwell nasceu no dia 23 fevereiro de 1944. Seus pais eram soldados que combateram na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Seu pai, Willian Ougfred,

³ Não pode descartar os avanços dos pesquisadores brasileiros, porém o acesso virtual a traduções de *eddas* e sagas se dá, principalmente, através de sites de conteúdo religioso neopagão.

⁴ *Eddas* são versos de narrativas da região da Escandinávia. Eles contêm narrativas sobre os deuses, formação do mundo, lições sobre o dia a dia e contos heroicos.

⁵ O francês, em sua obra, *Idade Média, Idade dos Homens* (2011), afirma que o historiador das sociedades medievais se aproxima da realidade da época por meio de objetos literários.

era da Força Aérea Canadense e Dorothy Cornwell, sua mãe, era da Força Aérea Britânica.

“Fruto” de um relacionamento momentâneo, foi deixado para adoção. Uma família da região de Essex, sul da Inglaterra, o adotou. Alguns anos depois, ele assumiu o sobrenome de sua mãe, Cornwell.

O escritor começou a lecionar, porém sua primeira carreira de sucesso foi na rede de televisão da BBC. Trabalhou por 10 anos e chegou a ser Chefe de Assuntos Televisivos na Irlanda do Norte.

Na cidade de Belfast, Irlanda do Norte, que conheceu Judy, sua atual esposa. Por motivos pessoais de sua futura noiva, Cornwell se mudou para os Estados Unidos. Em 1980, casaram-se e o britânico se dedicou a sua carreira de escritor. Hoje, Cornwell possui mais de 40 livros publicados em diferentes idiomas. No Brasil, a editora *Record* traduz as obras do britânico.

2.2 Um breve resumo da obra *O Último Reino*

O primeiro livro da coleção Crônica Saxônica é *O Último Reino* (2005). Essa obra, que é o objeto da pesquisa do trabalho em tela, é uma narrativa em primeira pessoa de Uhtred, um personagem ficcional. Mesmo que em algumas entrevistas Cornwell afirme que é um antigo descendente de sua família, não existem registros históricos de Uhtred de Bebbanburg.

O prólogo narra como o herói se torna escravo dos nórdicos, ainda criança. Ele morava com seu pai em Bebbanburg, uma fortaleza junto ao mar. No período, a Inglaterra era dividida em quatro reinos, esses eram a Nortúmbria, Mércia, Ânglia Oriental e Wessex. Os Vikings chegam em 866 d.C ao reino da Nortúmbria, que vivia em agitação pelo conflito entre Osbert e Aella, que almejavam o trono. O pai de Uhtred, que também se chamava Uhtred, era um *ealdoman*⁶ do reino. Era desejo dele que seu filho mais velho tivesse seu nome. Entretanto, o narrador não era o mais velho Uhtred, mas foi rebatizado após a morte de seu irmão, assassinado pelos nórdicos invasores.

Os saxões se organizam para combater os Vikings, em Eoferwic, uma das mais importantes cidades do norte da Inglaterra. Uhtred, junto ao seu instrutor Beocca, acompanha o exército.

Durante o combate, a vitória parecia pertencer aos saxões, porém os dinamarqueses armaram uma boa estratégia e venceram. Uhtred é capturado por Ragnar um *earl* nórdico. Ravn, pai de Ragnar, o apresenta para principais líderes vikings e ele também conheceu alguns aspectos culturais dos nórdicos, como os *skalds*⁷ e a religião.

⁶ Eldoman, earls ou jarls eram senhores importantes na Idade Média (Homens com propriedades), um tipo de conde ou barão, entretanto, os laços eram diferentes do clássico feudalismo. Assim como destaca Perry Anderson (2000), a Escandinávia possuía um modelo cultural diferente do restante da Europa. Durante a Era Vikings (Séculos IX a XI), era tradicional a reunião entre os jarls e homens livres. *Thing* e *Landping* são exemplos dessas assembleias.

⁷ Skald é contado ou narrador de história. É tradicional nas religiões orais, sempre respeitado e importante para o reconhecimento de feitos de guerreiros dessas sociedades.

Após um tempo e negociações, o protagonista percebeu que seu tio Aelfric ficou com o território de seu pai que, segundo o protagonista, era ilegítimo. A traição se confirmou após as notícias de Beocca, em uma reunião entre Vikings e Saxões, depois de uma tentativa de assassinato do jovem Uhtred.

Em toda a sua infância, o herói aprendeu a ser um guerreiro nórdico, desde os cultos religiosos até a forma de lutar. Os invasores continuaram a avançar sobre a ilha, conquistando os reinos da Mércia e da Ânglia Oriental. Foi durante essas conquistas que ele conheceu Brida, uma jovem esperta que o acompanhou por um longo tempo.

Nesse período de sua vida, ele fez amizades e inimizades. Um dos grandes amigos é Ragnar, o jovem, filho de seu pai adotivo, Ragnar. Já Kjartan e Sven se tornariam rivais após um desentendimento por causa da filha de Thyra, sua irmã adotiva.

Depois de anos de combate, ocorreu a chegada de Guthrum, que veio com o objetivo de invadir Wessex, o último reino da Inglaterra sob domínio saxão. Entretanto, os seus planos falharam com a derrota em uma batalha na colina Aesc. O reino de Wessex foi liderado pelo rei Aethelred e Alfredo. Essa foi uma importante vitória saxã sobre os Vikings.

Aos 16 anos, Uhtred e Brida presenciaram o incêndio no castelo de Ragnar, motivo que resultou na morte de todos que moravam ali, sua família adotiva. Agora, sem aonde ir, ele e Brida, junto a um grande tesouro, foram para o sul.

Alguns parentes de Uhtred são da Mércia, onde conseguem abrigo com seu tio, Aethelred. Ajudando o irmão de sua mãe é que o protagonista luta em sua primeira parede de escudos⁸.

Em pouco tempo, ele é convidado a conversar com Alfredo, agora rei de Wessex. Uhtred já tinha conhecido a jovem majestade em uma noite quando ainda era criança. Após muito diálogo entre os dois, o protagonista saiu em uma empreitada contra os dinamarqueses. O herói conquistou uma importante vitória em nome de seu novo rei.

Mildrith foi a sua primeira esposa, uma cristã que foi utilizada com a garantia de que Uhtred permaneceria entre os Saxões. Agora com terras, era um senhor de Wessex.

As batalhas não pararam, mas foi a vitória do protagonista sobre o Ubba, um dos líderes mais famosos, que o fez reconhecido. De tal modo termina o livro, com o protagonista casado, famoso e com um filho, que deu o nome de Uhtred.

3 Literatura como objeto de compreensão da história

Uma obra literária romancista pode ser uma fonte história? Com o passar dos anos, os historiadores propuseram diferentes fontes, ou seja, que se caracterizam como históricas.

⁸ O autor do livro realiza uma descrição na obra que resume a formação e funcionalidade da parede de escudos. “O lado esquerdo fica diante do lado direito do escudo vizinho, desse modo o inimigo, que na maioria é de homens destros, deve tentar golpear entre duas camadas de madeira” (CORNWELL, 2015, p. 179)

A partir de algumas mudanças ocorridas no século XX, surgiu a necessidade de se esgueirar da história sobre a aristocracia. Segundo Ginzburg (2006, p. 11),

[n]o passado, podiam-se acusar os historiadores de querer conhecer somente as “gestas dos reis”. Hoje, é claro, não é mais assim. Cada vez mais se interessam pelo que seus predecessores haviam ocular deixando de lado ou simplesmente ignorando. “quem construiu Tebas de sete portas” – perguntava o “leitor operário” de Brecht. As fontes não nos contam nada daqueles pedreiros anônimos, mas a pergunta conserva todo seu peso.

Ginzburg faz referência à Nova História Cultural ou propondo a Micro-História. Ao decorrer da história da historiografia, ocorreu uma “evolução” do que pode ser tratado como objeto de pesquisa.

Os historiadores de décadas anteriores vivenciaram uma série de classificações de seus trabalhos. Portanto, os pesquisadores das ciências humanas, em geral, estavam presos em casulos de julgamentos. Além do marxismo, podemos destacar “o historicismo da Escola Histórica Alemã, a Escola Metódica Francesa” e a Escola do *Annales*, considerada a revolução da historiografia francesa em 1929, “com a fundação da revista *Annales d’histoire économique et sociale*” (SILVA, 2001, p. 171).

Advindo da Escola do *Annales*, origina-se a Nova História, atribuída a alguns pesquisadores, entre eles Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel. Essa “nova” tendência é legitimada na obra *A História Nova* (1988). O que seria a Nova História? Sobre o assunto, Le Goff

destaca a ambição totalizadora da Nova História, a presença marcante de outras disciplinas, a ampliação da noção de documento histórico e situa suas origens na fundação dos Anales [...] Jacques Le Goff faz questão também de destacar a ilustre linhagem de autores que de alguma forma poderiam ser considerado precursores da Nova História, nomeadamente Voltaire (1694 – 1778), François René Chateaubriand (1768 – 1848), François Guizot (1787 – 1874), Jules Michelet (1798 – 1874) e François Simiand (1873 – 1935). Destaca também que a Nova História pode ter originado na França, mas não é exclusivamente francesa, seja no plano de formulações básicas, seja no campo de investigações, que abrange atualmente profissionais de vários países e instituições. (SILVA, 2001, p. 207)

Portanto, uma obra pode ser utilizada como fonte de pesquisa em múltiplas situações. A partir de uma leitura, é possível identificar a escrita de uma época ou a mentalidade de uma civilização.

Assim como Marc Bloch aponta no seu livro *Apologia a História ou o Ofício do Historiador* (2001), o historiador deve ser um incessante caçador em busca de mitos, contos, lendas e perguntas. Bloch, em sua contemporaneidade, legitimava a cientificidade do ofício de ser um historiador.

Portanto, a importância e a relevância da pesquisa apresentada se justificam porque “as obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também contaram ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que a que estabeleceu os livros de história” (CHARTIER, 2009, p. 21).

Na obra escolhida, não é possível analisar a escrita/linguagem de um período ou a mentalidade de um povo, por se tratar de um livro publicado em 2004. Porém, a narrativa de Cornwell é em primeira pessoa, portanto, a partir da descrição do personagem, foi realizada a problematização pertinente.

O Último Reino é um romance que tenta retransmitir o que era a Inglaterra no século IX. Entretanto, o livro não se ausenta do imaginário do século XXI.

O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto de representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam. Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário (PATLAGEAN, 1988, p. 291)

Patlagean (1988) simplifica um aspecto complexo da cultura, que é a construção do imaginário. Portanto, esse reinterpreta a experiência das vivências sociais em conjunto.

4 Contatos culturais entre Vikings e Saxões do Oeste

4.1 O comércio

Os escandinavos são famosos por serem guerreiros e piratas do período medieval. Assim, ficaram popularizados até nossos dias. O motivo das invasões até hoje é debate entre os historiadores. De acordo com Brondsted (2004, p. 27),

o estudioso sueco Fritz Askeberg propôs a seguinte classificação:

- 1- Ataques piratas comandados por indivíduos.
- 2- Expedições políticas
- 3- Aventuras colonizadoras
- 4- Penetração comercial [sic].

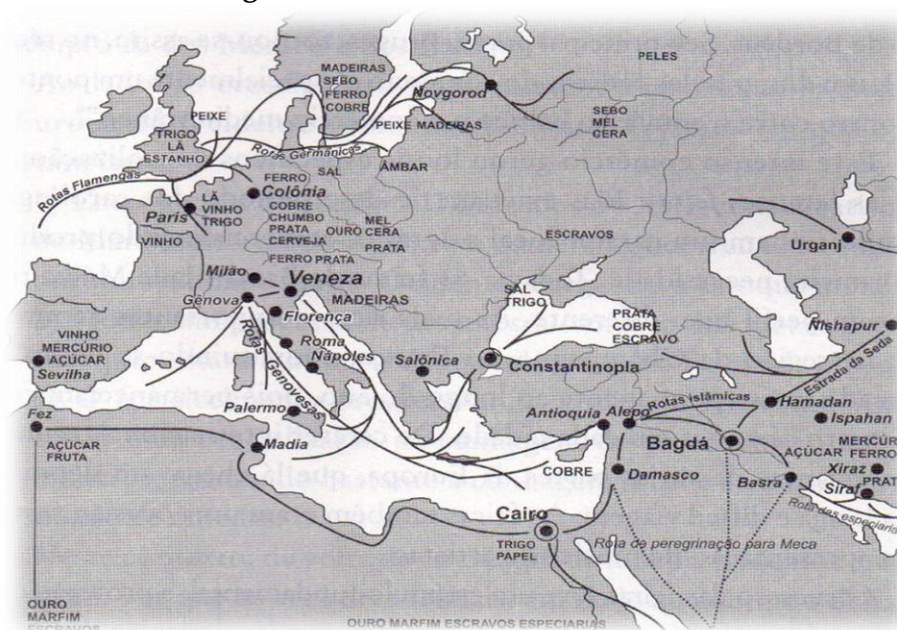
Uma das questões escritas por Brondsted (2004) é o comércio, que é retratado na obra de Cornwell com a troca de mercadorias entre saxões e dinamarqueses.

- Esse navio estava comerciando na boca do Tine há uma semana – Disse Aefric, o irmão do meu pai.
- Como sabe disso?
- Eu vi reconheço aquela proa. Está vendo como há uma fiada de tábuas de cor clara no costado? – Ele cuspiu – Na ocasião não tinha uma cabeça dragão.
- Eles tiram as cabeças de animais quando fazem comércio – explicou meu pai – O que estavam comprando?
- Trocavam peles por sal e peixe seco. Disseram que eram mercadores de Haithabu.
- Agora são mercadores procurando briga – disse meu pai [...] [sic] (CORNWELL, 2005, p. 19).

Surpreende os leigos a existência do comércio na Idade Média. Durante o ensino regular, é ensinado o clássico sistema feudal, classificando o período histórico “como uma época de grande fanatismo religioso ignorância e estagnação econômica” (CALAINHO, 2014, p. 14).

O enredo da obra *O Último Reino* se passa no século IX, ou seja, Alta Idade Média⁹. Segundo Aron Ja Gurevich (1989, p. 165), os mercadores que atuavam durante esse período eram diferentes. “Os comerciantes que operavam na Europa setentrional na época dos Vikings, são pragmáticos. O Viking é um guerreiro, um colonizador”.

Figura 1: Comércio medieval em 1212



Fonte: CALAINHO, D. Buono. *História Medieval do Ocidente*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Pelo mapa é visível que “as atividades comerciais se concentram basicamente em dois eixos da Europa: o mediterrâneo [...] e o nórdico (envolvendo os mares do Norte e Báltico)” (CALAINHO, 2014, p. 81).

Os relatos de incursões vikings comerciais continuaram. Outro exemplo foi Ibn Fadlan, um escritor que viveu no século X e teve contato com os nórdicos que negociavam no Volga. Ele era “membro de uma delegação diplomata que foi enviado do Califado do Bagdá para Bulgária no Volga” (BRONDSTED, 2004, p. 243). A descrição de Cornwell se semelha ao que foi escrito por Fadlan.

Eu vi quando os rus chegaram em sua missão de comércio e ancorando no rio Atul [Volga]. Eu nunca havia visto pessoas de físico mais perfeito; eles todos tão altos quanto uma tamareira e de cor avermelhada. Não usam casaco ou manto, mas cada homem carrega uma capa que cobre a metade do corpo, deixando

⁹ “[...] consagradas pela historiografia, a saber: a Alta Idade Média, engloba os séculos V a X, e a Baixa Idade Média, que começou no século XI e se estendeu até o século XIV. O critério para esta divisão da Idade Média no Ocidente tem base o feudalismo [...]” (CALAINHO, 2015, p. 13)

uma mão livre. Suas espadas são feitas no padrão franco, largas, chatas e estripadas. Cada homem tem (tatuado em seu corpo) árvores, figuras e outros desenhos desde as pontas dos dedos até o pescoço. (BRONDSTED, 2004, p. 241).

Portanto, assim como retratado no livro, os nórdicos já eram conhecidos pelos mercadores da Europa, destacando-se como importantes para a rede de comércio que existiu na Alta idade Média.

4.2 Religião

A descrição sobre a religião do outro carrega em si julgamento, preconceito e indiferença. Cornwell (2015, p. 81) utiliza em seu livro estes julgamentos:

- Odeio monges – disse Ragnar alegre. Sua espada, Quebra-Coração, estava na mão, e ele girou a lâmina nua num sibilante.
- Por quê? – Perguntei.
- Os monges são como formigas, andando de um lado para o outro vestidos de preto, inúteis. Eu os odeio. [...] [sic].

Descobrir o que se “passava” pelo imaginário dos Vikings no período não é simples. A maior parte da história da Escandinávia medieval não foi escrita pelos próprios, assim são compreendidos na sociedade atual como sanguinários e cruéis, por motivos adversos, mas, principalmente, pelo estereótipo construído pela Igreja Católica. Na obra do britânico, ele esclarece, por meio de alguns de seus personagens, a demonização dos invasores. “- Eles são mandados por Deus para nos punir – Disse Gytha timidamente. - Punir Por quê? – Perguntou meu pai em tom selvagem. - Por nossos pecados – Gytha fez o sinal da cruz. [sic]” (CORNWELL, 2015, p. 21).

Demônios e destruidores de aldeias e mosteiros, assim ficaram conhecidos os Vikings. Mesmo que eles tivessem um comércio constante na Inglaterra da Idade Média, eles são lembrados pelos rituais cruéis.

Todorov (1999) realiza uma análise sobre a visão do outro durante a América sob o processo de “colonização”. Em sua obra, há uma explicação sobre como se criam imperfeições e julgamentos, sobre aqueles que são estranhos perante a cultura que somos criados. Afinal, na história não existem os bons e os maus, e sim perspectivas diferentes.

O contato religioso entre cristãos e pagãos nórdicos acontece anos antes do século IX, e os Vikings irão se converter ao cristianismo. Por quê? Brondsted (2004, p. 239) afirma:

a fé pagã deve ter sido fraca ou a religião que eles encontram no estrangeiro, forte demais; uma vez que na Irlanda, Inglaterra, França e Rússia os Vikings não demoraram adotar o cristianismo, algumas vezes sem dúvida por razões políticas.

Entretanto, eles tiveram contato com outras religiões, como a mulçumana. Porém, a maior parte da região da Escandinávia adotou o cristianismo da Igreja

Católica. A razão pode ser política. Há muitos exemplos da utilização da conversão como negociação, e Bernard Cornwell representa essas conversas na sua obra.

Conclui-se que a religião está introduzida nas trocas culturais. Vygotsky afirma que “man is a social person = aggregate of social relations, embodied in an individual [sic]”. O psicólogo russo utiliza a expressão: “[...] agregado de relações sociais incorporadas num indivíduo” (VYGOTSKI, 1986, p. 66) referindo-se à cultura presente em cada indivíduo.

5 Considerações finais

O *Último Reino* (2005) é um livro que busca retratar como viveu os humanos de uma época, no caso, a Idade Média, durante as invasões Vikings, e Bernard Cornwell consegue realizar uma boa reconstrução.

Assim, conclui-se que uma obra pode ser um objeto para que os historiadores debatam assuntos complexos de tempos antigos. Aqui foram escolhidos trechos do livro que ilustram a interação entre Vikings e Saxões do Oeste, que envolvia mais do que simples diálogos, e sim a retratação de uma mentalidade religiosa. Ademais, assuntos como estupros, táticas de combate e casamentos do período também podem ser analisados em *The Last Kingdom*.

Portanto, o que o britânico trás para a literatura é importante para desconstruir a Idade Média transmitida nas salas de aula do Brasil, demonstrando que a interação entre Saxões do Oeste e Vikings eram intensas e constantes.

Referências

ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRONDSTED, Johannes. *Os vikings*. São Paulo: Hemus, 2004.

CALAINHO, D. Bouno. *História medieval do Ocidente*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2009.

CORNWELL, Bernard. *O Último Reino*. 15. ed. São Paulo: Record. 2015.

DUBY, Georges. *Idade Média, Idade dos Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUREVICH, Ja Aron. O mercador. In: CARDINI, F. CASTELNUOVO, E. CHERUBINI, G. FUMAGATLI, M. BEONIO BROCCIERI, GEREMEK, B. LE GOFF, J. JA. GUREVICH A. KLAPISCH-ZUBER, CH. MICCOLI, G. ROSSIAUD, J. VAUCHEZ, A. Jacques Le Goff (Org). *O homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989, cap. 7. p. 165-189.

PATLAGEAN, Evelyne. A História do imaginário. In: *A Nova História*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

PAXSON, Diana L. *Asatrú: um guia essencial para o paganismo nórdico*. São Paulo: Pensamento, 2009.

SILVA, R. Forastieri. *História da Historiografia*. São Paulo: EDUSC, 2001.

TODOROV, Tzervan. *A conquista da América: a questão do outro*. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes. 1999.

VYGOTSKY, L. S. Concrete Human Psychology. In: *Soviet Psychology*. 1986.